



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2022

PORTUGUESE HOME LANGUAGE: PAPER II

MARKING GUIDELINES

Time: 2½ hours

80 marks

These marking guidelines are prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom are required to attend a standardisation meeting to ensure that the guidelines are consistently interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.

The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines. It is also recognised that, without the benefit of attendance at a standardisation meeting, there may be different interpretations of the application of the marking guidelines.

A Secção A contém duas (2) perguntas. Na PERGUNTA 1, responda a uma alínea direccionada (1.1 **ou** 1.3) e a uma alínea de ensaio (1.2 **ou** 1.4). A PERGUNTA 2 é obrigatória.

SECÇÃO A POESIA / POETRY

Antes de iniciar as respostas, leia todos os poemas com atenção para lhes apreender o sentido.

PERGUNTA 1

1.1 «Sedia-meu na ermida de San Simon», de Meendinho

Sedia-m'eu na ermida de San Simon
E cercaron-mi as ondas, que grandes son.
Eu atendend'o meu amigo.
Eu atendend'o meu amigo.

Estando na ermida ant'o altar,
Cercaron-mi as ondas grandes do mar.
Eu atendend'o meu amigo.
Eu atendend'o meu amigo.

E cercaron-mi as ondas, que grandes son:
Non hei i barqueiro, nem remador.
Eu atendend'o meu amigo.
Eu atendend'o meu amigo.

E cercaron-mi as ondas do alto mar:
Non hei i barqueiro, nem sei remar.
Eu atendend'o meu amigo.
Eu atendend'o meu amigo.

Non hei i barqueiro nem remador:
Morrerei eu fremosa no mar maior.
Eu atendend'o meu amigo.
Eu atendend'o meu amigo.

Non hei i barqueiro nem sei remar:
Morrerei fremosa no alto mar.
Eu atendend'o meu amigo.
Eu atendend'o meu amigo.

- 1.1.1 Indique em que período histórico da literatura portuguesa se inclui a composição poética.

Época medieval, período trovadoresco.

- 1.1.2 Classifique-a quanto:

- (a) ao género

É uma cantiga de amigo.

- (b) assunto

Barcarola ou marinha, predominam motivos marítimos.

- (c) forma

Cantiga de refrão. Também se pode considerar paralelística, embora não se constate o paralelismo perfeito. Verifica-se o paralelismo anafórico.

- 1.1.3 Efetue um breve resumo do poema.

O eu poético, uma jovem do povo, foi à ermida encontrar-se com o 'seu amigo', que é o namorado. Ele, porém, falta à palavra dada e, na espera, o eu poético apercebe-se que a maré subiu e que ela está ameaçada pelas ondas altas, visto não haver ali quem a possa salvar. Tem a consciência de que morrerá na flor da idade.

- 1.1.4 Transcreva os versos que apontam para os sentimentos do eu poético e explique-os.

**E cercaron-mi as ondas, que grandes son – o segundo verso da cantiga de amigo revela admiração e susto, também medo
Eu atendend'o meu amigo – desilusão por o amigo não ter chegado**

Cercaron-mi as ondas grandes do mar – aflição ao verificar a altura das ondas

E cercaron-mi as ondas, que grandes son – a aflição vai-se transformando em desespero como a relativa, no fim do verso, *que grandes son*, revela

Non hei i barqueiro, nem sei remar – o desespero aumenta ao constatar que está isolada, não há quem a possa salvar.

Morrerei eu fremeosa no mar maior – perda da esperança e constatação que morrerá muito nova por o seu amado não ter ido encontrar-se com ela, como prometera. A grande espera proporciona a subida da maré, maré alta.

1.2 «Música Brasileira», de Olavo Bilac

Tens, às vezes, o fogo soberano
Do amor: encerras na cadência, acesa
Em requebros e encantos de impureza,
Todo o feitiço do pecado humano.

Mas, sobre essa volúpia, erra a tristeza
Dos desertos, das matas e do oceano:
Bárbara poracé, banzo africano,
E soluços de trova portuguesa.

És samba e jongo, chiba e fado, cujos
Acordes são desejos e orfandades
De selvagens, cativos e marujos:

E em nostalgias e paixões consistes,
Lasciva dor, beijo de três saudades,
Flor amorosa de três raças tristes.

O desenvolvimento do poema assenta no contraste entre as influências endógenas e exógenas da música brasileira. Elabore uma breve interpretação com base nesse contraste. Transcreva os versos em que assenta o seu curto ensaio.

Influências internas - Bárbara poracé, matas, selvagens

Influências externas africanas – desertos, banzo jongo, chiba, cativos

Influências externas portuguesas – do oceano, soluços de trova portuguesa, marujos, fado

O eu poético dirige-se à música brasileira e às suas características herdadas de «três raças tristes».

É a partir destes elementos que o curto ensaio deve ser desenvolvido.

1.3 "Círculo", de Alda Lara

Todo o caminho é belo se cumprido.
Ficar no meio é que é perder o sonho.
É deixá-lo apodrecer, no resumido
círculo da angústia e do abandono.

É ir de mãos abertas, mas vazias,
de coração completo, mas chagado.
É ter o sol a arder dentro de nós
Cercado por grades infinitas...

Culpa de quem, se fiz o que podia,
na hora dos descantes e das lidas?

Ah! ninguém diga que foi minha!
Ah! ninguém diga...

Minha, a culpa,
de ter dentro do peito,
tantas vidas!...

1.3.1 Classifique as estrofes da composição poética.

As duas primeiras são quadras. A terceira e a quarta são dísticos ou parelhas. A última é um terceto.

1.3.2 Efetue o esquema rimático da primeira estrofe.

O esquema rimático é abab, rima alternada.

1.3.3 Classifique essa rima quanto à classe gramatical das palavras.

A rima em *a* é rica visto *cumprido* ser um verbo e *resumido* um adjetivo que qualifica 'círculo'. A rima em *b* é assonante, e é pobre pois *sonho* e *abandono* são substantivos.

1.3.4 Nos dois primeiros versos, o eu poético dá-nos a conhecer a maneira como, para ele, se deve viver. Explique essa vivência.

***Todo o caminho é belo se cumprido. / Ficar no meio é que é perder o sonho.* Para o eu poético deve lutar-se pelo sonho, pelo que se deseja realizar, até ao fim. Defender os seus ideais. Para o sujeito da enunciação a desistência, ou desejar realizar o sonho mais tarde, é perdê-lo, deixará de ser possível concretizá-lo. É ficar entre o tudo e o nada.**

1.3.5 O eu poético falha no cumprimento dessa vivência. Transcreva os versos que manifestam a dor de ter sido incapaz de o cumprir.

Ah! ninguém diga que foi minha! / Ah! ninguém diga...

Minha, a culpa, / de ter dentro do peito, / tantas vidas!...

1.4 "Vela do exílio", de Gabriel Mariano

Acendi hoje uma vela
de estearina na fina
mesinha onde escrevo.
Enquanto ela me ardia
da chama para os meus olhos
velhas lembranças seguiam.
E súbito sobre a parede
da velha casa onde moro
o mapa árido e breve
das ilhas do Caboverde.

Que vento não vem ou se agita
no barco em forma de vela
por dentro da casa fechada!
Que voz materna no écran
da ilha difusa difunde
meu nome em projecto?

Acendi hoje uma vela.
E enquanto me ela queimava
por sobre a mesa pessoas
vivas e mortas passavam.

Vela do exílio acendida
na noite de Moçambique:
pesado, inútil veleiro.
Vela do exílio, meu filho
com apenas um sopro apagas
a vela, o exílio não.

O afastamento da Cabo Verde, quer seja por vontade própria no intuito de se conseguir uma vida melhor, quer seja por afastamento obrigatório, isto é, por exílio, é uma constante da literatura cabo verdiana. Efetue uma breve interpretação do poema com base nos sentimentos exteriorizados pelo eu poético. Transcreva os versos em que assenta o seu curto ensaio.

As condições socio-económicas dos cabo-verdianos foram sempre precárias e a emigração apresenta-se como uma solução a todos os problemas. No caso da composição poética, porém, não se trata de uma emigração por razões sócio-económicas, mas de um exílio real por razões políticas. O cabo-verdiano nunca se afasta emocionalmente da sua terra, permanecendo em contacto com ela nem que seja apenas espiritualmente, como é o caso do poema.

O conhecimento de que Gabriel Mariano foi exilado para Moçambique, e a compreensão das saudades que sentia da terra natal, facilitará a breve análise dos sentimentos e a transcrição dos versos. Os candidatos devem também conhecer a relação que existe entre a chama da vela a lembrar as velas dos barcos da terra do sujeito da enunciação, e depois o significado de «vela do exílio» «pesado inútil veleiro».

PERGUNTA 2 POEMA DESCONHECIDO / UNKNOWN POEM

Esta pergunta é obrigatória.

Eles

Ei-los que partem novos e velhos
Buscar a sorte noutras paragens
Noutras aragens, entre outros povos
Ei-los que partem velhos e novos

Ei-los que partem, olhos molhados
Coração triste, a saca às costas
Esperança em riste, sonhos dourados
Ei-los que partem, olhos molhados

Virão um dia, ricos ou não
Contando histórias de lá de longe
Onde o suor se fez em pão
Virão um dia, ricos ou não

Virão um dia, ou não ...

[Manuel Freire, in *O nosso amargo cancionero*]

Efectue a interpretação do poema acima, tendo em atenção o seguinte: assunto e seu desenvolvimento; contribuição da rima, aliterações, assonâncias e pontuação para a transmissão da mensagem.

Assunto – emigração de pessoas de todas as idades (Ei-los que partem novos e velhos), a dor da partida (olhos molhados / Coração triste...), o sonho de conseguirem uma vida melhor, cheios de esperança (Esperança em riste, sonhos dourados); um dia voltarão, terão concretizado o sonho de enriquecimento, ou regressarão pobres (Virão um dia, ricos ou não), tal como tinham partido; longe da pátria, trabalham muito para poderem sobreviver (Onde o suor se fez em pão), porém, nem todos voltam à pátria, muitos perdem a vida (Virão um dia, ou não ...).

Aliteração do r, t e v, cujo significado deve ser sumariamente explicado.

Assonância da nasal 'ão', que acentua o sofrimento nos países de acolhimento, e ainda em velhos, novos.

O paralelismo de «Ei-los que partem novos e velhos» que atua como um refrão; «Ei-los que partem, olhos molhados», também um refrão, e «Virão um dia, ricos ou não», refrão também, que intensifica o drama da emigração.

O poema caracteriza-se ainda pelo *enjambement* (encavalgamento): O significado dos versos é transposto ao/s verso/s seguinte/s em todas as estrofes, dando ao poema características narrativas.

Notar que há apenas vírgulas, nenhum ponto final – indicar o significado das pausas.

O último verso termina com reticências, acentuando o ambiente sombrio da emigração em que os sonhos não são realizados, sendo suscetível o falecimento do emigrante. Predomina o sentimento de vulnerabilidade.

SECÇÃO B ROMANCE / NOVEL

Esta secção tem duas (2) perguntas. Deve responder a uma pergunta direccionada (PERGUNTA 3) **ou** a uma pergunta de desenvolvimento (PERGUNTA 4). Se tiver respondido ao desenvolvimento na PERGUNTA 1 da Secção A, nesta secção deve responder a uma pergunta direccionada; se tiver respondido a uma pergunta direccionada na PERGUNTA 1, deve agora responder à pergunta de desenvolvimento.

PERGUNTA 3***As mulheres de meu pai*, de José Eduardo Agualusa**

Leia com atenção os excertos que se seguem, recorde o estudo efetuado e responda às questões.

A literatura de viagens surgiu no século XIV, altura das navegações portuguesas. Os navegadores não descreviam apenas os acontecimentos das viagens, registavam também os contactos que faziam, as histórias de que tinham tido conhecimento, eventos, festividades, lendas dos diferentes povos que contactavam, novas mentalidades de encarar a vida. A literatura de viagens conquistou um lugar de destaque na literatura em língua portuguesa. De igual modo destaca-se *As mulheres de meu pai*, romance surgido de uma viagem que Agualusa fez pela África «com a intenção de escrever um roteiro para cinema». E assim surgiu uma narrativa feita em dois planos, alternando e inter-relacionando realidade e ficção.

O que o romance designa de "a verdadeira história" tem apenas o intuito de chamar a atenção para a ficção. Não é por acaso que, logo na primeira página, nos deparamos com a seguinte pergunta: "Com quantas verdades se faz uma mentira?"

- 3.1 No romance de Agualusa sucedem-se alternadamente duas viagens. Distinga-as.

Se por um lado temos a viagem real efetuada por Agualusa com o seu motorista, em viagem à África Austral, acompanhado pelo fotógrafo português Jordi Burch e a cineasta e musicista Karen Boswall, por outro há a viagem de ficção de Laurentina, o seu namorado Mandume e o escritor angolano Bartolomeu Falcato, conduzidos pelo motorista Pouca Sorte.

No decorrer da viagem real, ocorre a Agualusa a escrita de uma narrativa de viagem cujo trajeto é o mesmo do da viagem real, sendo, portanto, produto da primeira.

Por vezes, é difícil distinguir os factos verídicos dos factos ficcionais o que se vincula também à frase "de quantas verdades se faz uma mentira", pois o trajeto é o mesmo e pode tornar-se confuso.

- 3.2 Pode-se considerar Laurentina a personagem principal. Explícite o que a leva a África.

Quando a mãe de Laurentina morre, confessa que o homem que a criou como filha não é o pai biológico, este seria um músico angolano famoso, Faustino Manso, que percorreria diversos pontos da África Austral. Laurentina segue para África à procura dele, que deseja conhecer, como a sua mãe conhecera, e o que se passara até que ela nascesse.

- 3.3 Explícite por que motivo é empregue a frase "Com quantas verdades se faz uma mentira?", relacionando-a com Laurentina.

Após percorrer um trajeto que a leva de Angola ao norte de Moçambique, passando pela África do Sul, num encontro casual no norte de Moçambique com um médico que conhecera Faustino Manso, é-lhe revelado que o músico era estéril, nunca poderia ter tido filhos. É um choque para ela, tal como teria sido para Faustino Manso saber que não era o pai de nenhum dos seus 18 supostos filhos e constatar que todas as mulheres tinham sido infieis. Por fim, Laurentina acaba por saber que o homem que a criara como filha é de facto o seu pai biológico.

- 3.4 3.4.1 Na obra, duas personagens distinguem-se como companheiros de viagem de Laurentina. Indique-as.

Mandume, o seu namorado, e Bartolomeu Falcato, escritor e suposto primo de Laurentina, por quem esta se apaixona e de quem engravida.

- 3.4.2 Caracterize cada uma delas.

De princípio Mandume rejeita a sua ligação com a África. Fica enciumado e irritado quando se apercebe que Laurentina se sente atraída por Bartolomeu, tanto mais que este põe em cheque a identidade que Mandume diz ter: portuguesa. Afirma nunca ter gostado de África e diz alegrar-se por os pais terem ido para Portugal e ele ter nascido em Lisboa. Rejeita as suas raízes africanas o que, na realidade, contrasta com a origem dos seus antepassados, tendo até encontrado ainda vivo um irmão do seu próprio pai. Parece haver uma aproximação a Angola ao tentar conhecer, através do tio, os hábitos da família e o passado, no entanto, o possível sentimento de abraçar as suas raízes africanas parece ser ilusório. Regressa a Portugal e, no taxi que o leva a casa, afirma-se definitivamente português, criticando e apresentando uma ideia negativa de Luanda, que acha ser uma cidade degradada. Fica chocado com a pobreza ali existente, e com o racismo. Rejeita a sua identidade africana. Esta breve análise caracteriza-o como alguém inseguro em termos identitários, deixando que acontecimentos privados o dominem. Ao longo da ação demonstra sempre superioridade e arrogância. No íntimo, existe a dúvida, daí a sua rejeição.

Bartolomeu Falcato é um suposto primo de Laurentina, e suposto porque, na verdade, Faustino Manso não é o pai biológico daquela. É por Mandume acusado de praticar a poesia de combate, apenas apropriada a certo período da história de Angola, na qual se vislumbra um «nacionalismo de cunho étnico-racial e socialista» que serve para manipular as mentes. Bartolomeu é a favor do hibridismo cultural como ferramenta para facilitar o desenvolvimento das relações sociais. Demonstra ser seguro de si, sente-se inteiramente angolano. É irónico e por vezes sarcástico.

Há uma grande ironia: Mandume é um negro que rejeita as suas raízes africanas. Bartolomeu é um angolano branco que abraça as suas raízes culturais e sociais sem hesitar: diz ser angolano, não europeu.

OU

PERGUNTA 4

Aqualusa efectua uma viagem real de Angola a Moçambique passando pela África do Sul. Ocorre-lhe escrever uma viagem fictícia que focaliza diversos aspetos de África. Comente o tema e os subtemas de *As mulheres de meu pai*.

O tema é complexo e os subtemas também. Sem qualquer dúvida, domina o renascimento africano. África é apresentada como um continente vibrante, de hábitos antigos e que chocam por vezes, mas fértil.

A fertilidade do continente é metaforizada no facto de todas as mulheres de Faustino Manso terem tido filhos e, afinal, nenhum ser dele, por ser estéril. É a metáfora do renascimento africano em que a mulher é associada à tradicional Mãe-África.

O erotismo que leva à multiplicação, em contraste com a Europa, continente em que se encara com seriedade o planeamento familiar.

Racismo. Identidade cultural e nacional.

O regresso às origens.

Faustino Manso como metáfora do país colonizador que, no passado, se expandiu por diversas regiões africanas e perdeu tudo. A colonização foi estéril, tal como Faustino Manso é estéril. África assume a sua própria identidade de cariz nitidamente africano.

A resposta pode ser ainda mais desenvolvida.

SECÇÃO C **TEATRO / DRAMA**

Se na Secção B tiver respondido apenas à Pergunta 3, deve, nesta Secção, responder à pergunta de desenvolvimento (Pergunta 6). Se pelo contrário, na Secção B tiver respondido apenas à Pergunta 4 (ensaio), deve agora responder à Pergunta 5.

PERGUNTA 5***Felizmente há luar*, de Luís de Sttau Monteiro**

A sua peça de estreia – *Felizmente há luar!*, em 1961 – foi de imediato proibida de ser levada à cena. Tendo vivido em Londres durante a Segunda Guerra Mundial, por razões familiares, [Luís de Sttau Monteiro] adaptou-se mal [ao ambiente político-social de Portugal], destacando-se pelo tom irreverente das suas obras. A perseguição da PIDE e a censura de que os seus textos foram alvo – *Felizmente há luar!* (1961) esteve catorze anos impedida de subir à cena, o que só foi possível após a queda do regime – provam o carácter interventivo da sua escrita e a estreita ligação com a realidade portuguesa da época. [...]

Com este texto, Sttau Monteiro iniciou uma temática que prosseguiu nas obras seguintes: a defesa do Homem, da liberdade, a luta pela justiça social e a denúncia política. Aquando da publicação da peça, Sttau Monteiro encontrava-se na prisão por suspeita de ter colaborado na "intentona de Beja" (1962).

[<<http://cvc.instituto-camoes.pt>>]

5.1 Aluda à situação de Portugal no período histórico da peça.

Antes que Junot, o general da primeira invasão francesa, entrasse em Lisboa (1808), a família real, a corte, comerciantes e outras pessoas partiram para o Brasil.

As invasões francesas foram derrotadas com o auxílio da Inglaterra, aliada de longa data. No entanto, após o fim da guerra, as tropas inglesas continuaram em Portugal, sendo o país governado por uma junta presidida pelo general Beresford que, efetivamente, comandava o exército e a administração do país. Encarnava o papel de ditador.

Os ingleses portaram-se mais como dominadores do que como aliados. Portugal enfrentava grandes e graves problemas económicos e sociais – grande desigualdade social –, porém a junta de regência não se interessava por eles, causando no povo um grande descontentamento, uma enorme frustração e sentimento de impotência. A expansão das ideias liberais alarmava a junta que provocou a repressão, a intimidação, a perseguição, o medo, a denúncia, a traição, a injustiça, o cinismo, a insensibilidade. Havia um poder autocrático parecido com a ditadura salazarista e o povo era o que mais sofria, correndo diariamente o risco da denúncia caso se manifestasse contra o governo.

- 5.2 Na peça constata-se facilmente a alternância entre a luz e a sombra. Explique quando é que se faz luz e quando se faz sombra.

Quando o povo aparece em cena, o cenário é sombrio, escurecido para mostrar o sofrimento, a repressão, a miséria, a impotência e a alienação a que o povo estava sujeito e, ao mesmo tempo, para revelar que era ignorado pela junta de regência. (*"Prenderam o general... Para nós, a noite ainda ficou mais escura..."*), palavras de Manuel.

A cena é iluminada quando aparecem os representantes do governo, expondo a sua importância na administração do reino peninsular.

Para além do que foi dito, a luminotécnica também é utilizada para indicar a alteração no local da ação, a mudança de cena, a passagem do tempo, e delimitar espaços.

- 5.3 Poder-se-á considerar o povo português como personagem principal? Consubstancie a sua resposta quer seja positiva ou negativa.

Esta é uma resposta livre. Pode, de facto, considerar-se o povo português como personagem principal sujeita à repressão, e é no seio do povo que se espalham as ideias liberais. No entanto, se a resposta for negativa, terá de ser bem consubstanciada.

- 5.4 Gomes Freire de Andrade não participa fisicamente como personagem, porém não se pode negar que ele é a mola impulsionadora da trama. Justifique esta afirmação.

Embora nunca apareça, é constantemente evocado pelo povo que nele deposita a esperança de libertação das perseguições. É um homem justo que lutou sempre pela liberdade, leal e transparente, o oposto do 'nevoeiro' que toldava as intenções dos governantes; é considerado pelo povo como seu defensor, por isso o adora, considerando-o um herói. Nunca aparece fisicamente, mas esta ausência fortalece-o como símbolo de libertação. O autor apresenta ao leitor e ao público os mecanismos de repressão, o que leva à intensificação da importância de Gomes Freire. Nunca aparece, mas na sua invisibilidade está sempre presente através do povo que o admira como único salvador da penosa situação por que passava. É uma personagem simbólica, que contribui para se conhecer os artifícios de que o governo se serve para eliminar tudo o que se opunha ao seu poder ilimitado.

5.5 Justifique o título aludindo também à sua importância na temática da peça.

Quando D. Miguel pronuncia 'Felizmente há luar', quer dizer que a execução de Gomes Freire seria uma lição para o povo, um exemplo para que o povo se não revoltasse, pois o castigo seria aquele; a fogueira era o castigo a evitar por todos os revoltosos, e o luar permitia que todos vissem bem a execução de Gomes Freire e dela não se esquecessem.

Quando Matilde pronuncia as mesmas palavras, o significado é oposto. A execução não seria esquecida e seria um incentivo à revolta. Nos lábios de Matilde, a frase é um incentivo à luta pela liberdade. Para o contrapoder, de que Matilde é representante, a chama mantém-se viva e um dia a liberdade havia de chegar. As últimas palavras de Matilde são de coragem e estímulo para que o povo se revolte contra a tirania dos governantes: "– Olhem bem! Limpem os olhos no clarão daquela fogueira e abram as almas ao que ela nos ensina! /Até a noite foi feita para que a vísseis até ao fim.../ (Pausa) / Felizmente – felizmente há luar!". Neste caso, o luar permitiria a clara visão do sofrimento de Gomes Freire e intensificaria a revolta.

OU

PERGUNTA 6

Sttau Monteiro [...] aproveita o facto histórico para atingir o seu objetivo – criar um teatro de vanguarda, de denúncia social, política e religiosa [que ao mesmo tempo que desmascara] o passado visa a crítica do presente.

[in *Literatura Prática* de Lilaz Carriço]

Faça uma exposição do desenvolvimento da ação nesta obra e mostre de que modo o passado serve para denunciar o presente. No seu ensaio, deve identificar o tema principal da peça e explicar o significado do título.

Critério para correção desta pergunta:

Indicação dos atos e seu breve resumo.

Situação do povo

O poder, atuação, e o contrapoder, atuação

Tema principal

Importância de Gomes Freire

Execução de Gomes Freire e significado do título para o poder e para o contrapoder.

Total: 80 marks